



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

SIMONE DE JESUS CORREIA

**AS TRABALHADORAS NEGRAS NAS CRÔNICAS DE HILDEGARDES VIANNA:**

Um levantamento sobre as suas relações de trabalho e família no espaço urbano de Salvador durante a primeira República.

SIMONE DE JESUS CORREIA

**AS TRABALHADORAS NEGRAS NAS CRÔNICAS DE HILDEGARDES VIANNA:**

Um levantamento sobre as suas relações de trabalho e família no espaço urbano de Salvador durante a primeira República.

Trabalho de conclusão de curso de Licenciatura de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia apresentado a disciplina Estudos Monográficos II sobre orientação do professor Antonio Luigi Negro.

2014.2

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	4
2. MULHER NEGRA: A FEIA .....	5
3. TRABALHO DOMÉSTICO: UM AMBIENTE PROTEGIDO .....	8
3.1 COZINHEIRAS .....	10
3.2 CATARINAS .....	11
3.3 AMAS DE LEITE .....	13
3.4 LAVADEIRAS .....	14
4. TRABALHADORAS DE RUA: UM AMBIENTE PERIGOSO .....	15
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	18
6. BIBIOGRAFIA .....	19
7. FONTES .....	19

## 1. INTRODUÇÃO

Com o surgimento da escola dos Annales em 1929 a historiografia passa a analisar sujeitos comuns e temas diários que por muito tempo foram excluídos da escrita de uma história positivista e herdeira do iluminismo, pois essa tinha os seus interesses voltados para fatos políticos, grandes acontecimentos e os grandes homens. A partir do desenvolvimento da história das mentalidades e da história cultural uma nova perspectiva de escrita da história foi lançada e as mulheres passaram a fazer parte das pesquisas históricas. A expansão dos debates do movimento feminista no Brasil nas décadas de 70 e a luta das mulheres cada vez mais crescente pelos seus direitos no espaço social e político se refletem na produção acadêmica surgindo, na década seguinte, inúmeros trabalhos que retratam o papel social e político das mulheres.

Com essa inserção da mulher na escrita da história, houve um aumento no interesse sobre as relações de trabalho desses sujeitos. Neste sentido, com o tema *As trabalhadoras negras nas crônicas de Hildegardes Vianna: Um levantamento sobre as suas relações de trabalho e família no espaço urbano de Salvador durante a primeira República*, busca-se apresentar uma discussão historiográfica que trata dessa temática, confrontando-a com as crônicas de Hildegardes Vianna publicados no jornal *A Tarde* entre a segunda metade da década de cinquenta até a década de noventa do século XX. Uma vez interrogadas, essas crônicas, que foram reunidas nos livros *Antigamente era assim* e *A Bahia já foi assim, neles* deixam perceber a visão de uma sociedade paternalista com saudades da Bahia de antanho. A folclorista representa as ganhadeiras, caixinheiras, quituteiras, lavadeiras, amas-de-leite, amas-secas, domésticas através de uma visão racista e sexista. Apresenta as atividades dessas mulheres de forma humilhante e de fácil execução associando sua experiência de vida e seu labor à sujeira e falta de asseio com o corpo como herança do tempo da escravidão. O objetivo dessa pesquisa é mostrar o trabalho das mulheres no espaço doméstico e urbano de Salvador no final do século XIX e na primeira metade do século XX<sup>1</sup>, e como essas mulheres tiravam sustentaram a si suas famílias em contato com uma mentalidade paternalista, pela qual elas eram vistas como marginalizadas por estarem de fora do processo formal do trabalho. Procura-se expor como essa visão foi reproduzida ao longo do tempo, utilizando-se as crônicas de Hildegardes Vianna.

---

<sup>1</sup> Hildegardes retrata nas suas crônicas reunidas nos livros *Antigamente era assim* e *A Bahia já foi assim* a saudade e as lembranças de um passado que vai do final do século XIX até os anos 40 do século XX.

A escolha deste grupo social deve-se ao fato de que essas mulheres negras continuam em sua maioria no desempenho de papéis subalternos e recebendo menores salários, reflexo da sua forma de inclusão numa sociedade de desigualdades duráveis: classe, gênero e raça. Nas crônicas de Hildegardes se pode perceber que muitas mulheres trabalhavam em troca de alimentação e moradia.

Pretende-se analisar as crônicas desfazendo uma visão pacífica, submissa e secundária da mulher, mostrando a sua luta contra a opressão social, em uma sociedade machista onde estavam sujeitas a violências por conta da sua cor, gênero e classe social.

## 2. MULHER NEGRA: A FEIA

No pós-abolição, as mulheres negras continuaram desempenhando os mesmos trabalhos que realizavam durante a escravidão. Não houve rupturas nas estruturas hierárquicas. Assim, as ex-escravas permaneceram ocupando a cozinha das casas tornando-se empregadas domésticas, ou assumindo outras atividades subalternas no ambiente urbano. As ocupações traziam fortes características do sistema anterior, eram vistos pela sociedade como atividades de baixa qualificação e de pouco prestígio social. Mas, para essas mulheres, mães solteiras e chefes de família, essas funções praticadas no lar ou na rua eram seu único meio de sobrevivência dentro de uma sociedade patriarcal e racista que as enxergava como incapazes.

A cor da pele foi um fator que representou a distância entre as duas camadas sociais. Ser homem ou mulher de cor significava não apenas inferioridade da raça, mas também inferioridade intelectual e social. Desta forma, foram estabelecidos os estereótipos negativos, trazendo nessas representações discriminações e preconceitos.

A mulher de cor preta foi vista e julgada como a feia, aquela que servia apenas para trabalhos braçais. A exaltação da beleza sempre foi direcionada à mulher para branca ou até mesmo para a mulata. Já as mulheres de pele escura e cabelos crespos eram consideradas segundo Hildegardes Vianna *feias de raça*. A respeito disso Gilberto Freyre afirma que as relações matrimoniais se estabeleciam da seguinte forma: *branca para casar, negra para trabalhar, mulata pra f...*<sup>2</sup>. Nesse sentido, o estereótipo da mulata está associado à sexualidade, já para a mulher negra estaria reservado o papel da servidão.

Hildegardes Vianna sustenta a idéia que a cor era um fator determinante na classificação social. Na crônica *Antigamente gente de cor* a autora busca legitimar qual a posição que cada raça ocupa na sociedade. No início do texto é apresentado um verso das

---

<sup>2</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala. Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal*, 48ªed. São Paulo: Global, 2003.

chulas e batuques que o povo d'antanho pronunciava: “Branco, na janela/ Mulato no corredor/ E negro no Cagador.”<sup>3</sup> A autora acredita não haver melhor ilustração para descrever a sociedade do século XIX.

Depois do processo abolicionista o homem de cor continuou carregando consigo o preconceito considerado natural no tempo da escravidão, então cabia a este cautela na hora de se comunicar com a elite branca que era considerada de categoria superior. Para a autora, pior que ser negro era ser um negro que não sabia se comportar na frente do branco. “Gente de cor, normente pobre, a não ser que fosse mal educada ou mal compreendida, não se sentava na frente de uma pessoa de situação superior à sua, ainda que estivesse doente ou fosse convidado com insistência a tomar assento.”<sup>4</sup> Desta maneira, esses homens e mulheres de cor eram cobrados da sociedade e também cobrava de si próprio uma rigorosa disciplina.

Na crônica *O feio da raça* a folclorista expõe a análise de Afrânio Peixoto sobre os cabelos das mulheres negras no seu livro “Breviário da Bahia”, onde o autor defende que a idéia que o feio da raça negra não era a cor da pele e sim o cabelo crespo, por conta disso, as mulheres negras usavam os torços para esconder os “fios duros”. Mas para essas baianas os torços não eram utilizados apenas para cobrir a cabeleira, estavam relacionados à influência mulçumana que chegou ao Brasil, por meio dos escravos islamizados, durante o século XIX.

Para o antropólogo Raul Lody o turbante simboliza e reforça a consciência espiritual. Na compreensão muçulmana o turbante opõe-se ao profano, ele protege o pensamento da dispersão e do esquecimento. Lody afirma que a cabeça e os cabelos revelam a identidade da pessoa. Ao fazer essa observação é possível dizer o que a pessoa faz e qual o seu lugar no grupo, na comunidade e na sociedade. É preciso considerar a influência africana na formação da identidade e na estética dos brasileiros.<sup>5</sup>

Ainda na crônica *O feio da raça* o cabelo crespo é apresentado como um problema, os homens não sofriam tanto com os fios duros, pois cortava rente ao casco e se livrava do mal mesmo que a cabeça pelada fosse associada à cabeça de ladrão. Já para as mulheres o cabelo duro era tratado como uma cruz. O caso se agravava se o cabelo fosse *macho*, ou seja, aqueles cabelos que tem crescimento lento, esses diferentes dos *fêmeo* que era um cabelo de tamanho normal só restava a alternativa de esconder por debaixo dos panos pois nem as tranças nagô resolviam o problema.

---

<sup>3</sup> VIANNA, Hildegardes. *A Bahia já foi assim*. Salvador; BA: Itapuã, 1973.p.133

<sup>4</sup> Idem. p.134

<sup>5</sup> LODY, Raul. *Cabelos de axé: identidade e resistência*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. SENAC Nacional 2004. p. 79

As mulheres que tinham cabelos *machos* sofriam com apelidos pejorativos da sociedade dentre eles Hildegardes aponta “(...) cabeça seca, cabeça fria, cabeleira xoxô, cabelo de romper fronha, cabelo de perder missa, cabelo amoroso ao casco, cabeleira de sebo, cabeleira teimosa, pão de leite, etc”. A autora associa o crescimento lento do cabelo crespo das mulheres negras à *Falta de caridade da natureza*. Reforçava assim a visão racista da época que associava o belo ao estereótipo europeu.

Manter o cabelo de mulheres e meninas que trabalhavam em serviços domésticos cortados rente ao casco foi uma medida usada pela elite baiana para manter a higiene e evitar a proliferação dos piolhos. Mas o corte curto também foi uma estratégia usada para que essas mulheres não perdessem tempo penteando e trançando os cabelos umas das outras, trocando assim conhecimento, valorizando a beleza e padrão estético, a fim de ser toleradas pela sociedade. Só deixava o cabelo crescer e ficar à mostra se a patroa permitisse, caso contrário passava a usar torço para esconder a “vergonha” que carregava na cabeça.

Tornar o cabelo crespo mais aceito na sociedade usando características semelhantes ao considerado cabelo liso foi uma solução para se enquadrar ao ideal estético. Na crônica *Do cabelo duro* a autora faz uma exaltação ao uso das químicas e ferro, como um processo evolutivo que acabaria com o sofrimento das mulheres negras ao pentear os seus cabelos.

Segundo Hildegardes, com o uso dos alisamentos, o sol passou a nascer para todos deixando no passado o uso de tranças e de torços. Essas mulheres de cor assim se tornaram visivelmente mais aceitas pela sociedade. “Não se viu mais negra de cabeça roída nem fedendo a banha de porco. O torço tradicional sumiu por desnecessário, o lenço transparente de “nylon” apareceu. *Trancinhas de nagô* (engenho tão perfeito que durava uma semana ou mais) Tão bem trabalhada pelos expeditos *tios da Costa* viraram folclore.”<sup>6</sup>

Além do cabelo, a posição social das mulheres era reconhecida pelo seu modo de vestir. Na crônica *Mulher de saia* é mostrado o estereótipo das mulheres que faziam uso do traje. Essas roupas eram usadas por trabalhadoras, seja elas cozinheiras, lavadeiras, costureiras, amas de leites ou amas secas, vendedoras, ou seja, negras, mulatas ou brancas pobres que realizavam tarefas consideradas humilhantes ou inadequadas para *mulheres de família*, segundo a sociedade da época. Sejam estes trabalhos desenvolvidos no ambiente doméstico ou na rua. Conforme Hildegardes Vianna:

---

<sup>6</sup> VIANNA, Hildegardes. *A Bahia já foi assim*. Salvador; BA: Itapuã, 1973. p.143

Havia muito de injusto na baixa cotação das *mulheres de saia*. Eram de âmbito alevantado, de rara coragem moral, prejudicadas pelas que se notabilizavam pelo destempero da linguagem liberdade de gesticulação e embrutecimento da inteligência. Estas usavam como roupa de todo o dia, como traje de trabalho, um tacho de saia e uma camisa ou camisu, sabe Deus até que ponto desgüelado, deixando-as seminuas. Descalças, dedos dos pés arreganhados cuspinhando saliva de fumo ou *axá* (também chamado de *tabaco de cão*) enrolando descomposturas, eram elas que alimentavam contendas de fregueses menos avisados, não temendo concorrência de homem ou autoridade de políciadores não se furtando, se preciso, a desforços pessoais.<sup>7</sup>

Apesar de Vianna afirmar que existiam mulheres de saia que eram mulheres de respeito e honestas que estavam na rua apenas para trabalhar e manter a sua sobrevivência e da sua família, há uma associação das mulheres de saia com a falta de educação, capacidade e caráter. Este aspecto também é comentado por Alberto Heráclito Ferreira Filho no artigo *Desafricanizar as Ruas: Elites Letradas, Mulheres Pobres e Cultura Popular em Salvador (1890-1937)*. Neste, o autor destaca que “A "mulher do saião" fora expressão pejorativa largamente difundida na imprensa republicana para dirigir-se a trabalhadora de rua. A crítica à roupa tradicional das mulheres pobres e trabalhadoras geralmente as associava à África, à escravidão, que, por sua vez, eram relacionadas à barbárie, atraso e falta de higiene.”<sup>8</sup>

### 3. TRABALHO DOMESTICO: UM AMBIENTE PROTEGIDO

O trabalho doméstico no Brasil é uma atividade exercida historicamente por mulheres, pois estão relacionados com aptidões consideradas femininas. Com o fim da escravidão as mulheres de baixa renda, fossem negras, pardas ou brancas empobrecidas, entraram no mercado de trabalho remunerado ocupando as funções domésticas, para muitas, única via de obter um pecúlio e lutar pela sobrevivência dentro das grandes cidades. Esses serviços eram nomeados como “de portas adentro” possibilitando no convívio diário uma intimidade entre patrões e empregados. Apesar dessa proximidade as domésticas não deixavam de ser “estranhas” no ambiente familiar e representavam uma ameaça para a segurança do lar, pois poderiam trazer para dentro das casas os perigos da rua; além de serem regularmente suspeitas de furtos ou atos traiçoeiros.

<sup>7</sup> VIANNA, Hildegardes. *A Bahia já foi assim*. Salvador; BA: Itapuã, 1973. p.145

<sup>8</sup> FILHO, Alberto Heráclito Ferreira. *Desafricanizar as ruas: elites letradas, mulheres pobres e cultura popular em Salvador (1890 – 1937)*. Afro-Ásia nº 21, 1998. p. 246

As relações instituídas entre senhor/criados e patrão/empregados trazem significados não apenas sociais mais também raciais. Segundo Vianna “era raro uma cozinheira ou lavadeira pronunciar *meu patrão ou minha patroa. Minh’ama e meu amo* eram expressões coerentes. Patroa e a branca se generalizaram depois que foi efetivada a abolição.”<sup>9</sup>

Havia ocasiões em que as domésticas eram valorizadas, mas não gozavam dos privilégios da elite branca, deixando clara a barreira social e racial que os separavam. Assim Vianna afirma:

As mulheres de cor, amigas antigas de certas famílias a quem servia com devoção impar, só tinha destaque em duas ocasiões – enterro e batizado. Nos dias de enterro, integravam ao cortejo fúnebre, carregando as bandejas de flores oferecidas ao defunto. Nós batizados eram convocadas para segurar a criança. Se era uma pessoa muito dedicada e de muitos préstimos era tomada como madrinha de apresentação. Compreenda-se, entretanto, que esse compadro não queria dizer que suas regalias aumentassem as suas restrições diminuíssem Comia na cozinha e não passava copa nos dias de gala.<sup>10</sup>

Os serviços domésticos estavam associados a serviços de escravos, por esse motivo as famílias de bem contratavam mulheres negras ou empobrecidas para fazer a manutenção das casas, havia residências que as funções eram divididas entre cozinheira, copeira e lavadeira. Já em outras, só uma empregada realizava sozinha toda a manutenção do ambiente. Isso dependia das condições econômicas de cada um. Vianna relata que “arranjar uma casa d’ama não era difícil. Dependia como hoje do candidato ou candidata ter habilidades no desempenho de suas tarefas, sobretudo ser fiel nos trocos e curto na língua.”<sup>11</sup> Deste modo encontrar uma empregada também não era tarefa difícil; dependia apenas ter dinheiro para pagar. Geralmente essas trabalhadoras eram indicadas por vendedores que passavam com seus produtos de porta em porta ou através de anúncios de jornais. Segundo o historiador Maciel Henrique Carneiro Silva os anunciantes preferiam uma empregada de conduta honesta de meia idade, ou de “maior idade”, pois se supunha que não causariam problemas com “seduções”, namoros ou gravidez.<sup>12</sup>

<sup>9</sup> VIANNA, Hildegardes. *A Bahia já foi assim*. Salvador; BA: Itapuã, 1973.p.147

<sup>10</sup> VIANNA, Hildegardes. *A Bahia já foi assim*. Salvador; BA: Itapuã, 1973.p.134

<sup>11</sup> Idem.p.147

<sup>12</sup> SILVA, Maciel Henrique Carneiro, *Domésticas criadas entre textos e práticas sociais: Recife e Salvador*, UFBA, Salvador, 2011.

Arrumar um trabalho de empregada doméstica era o destino das mulheres que não tinham moradia fixa e nem alimentação. Iam em busca de abrigo e segurança pois conviviam com a miséria, a orfandade, com as dificuldades da velhice, o abandono ou a perda do companheiro. Dormir no emprego era a melhor solução para a vida dessas mulheres, mas também era uma exigência dos patrões. Enfrentavam longas jornadas de trabalho e se preciso eram acordadas na noite para prestar mais serviços. Segundo Sandra Graham, “as criadas atendiam às exigências de trabalho e obediência e, em troca recebiam proteção.”<sup>13</sup> Essa proteção também podia ser algo bem diferente, pois as criadas confinadas no serviço doméstico não estavam livres de sofrer perseguições das patroas, de serem acusadas de ladras e sofrer abuso sexuais. A casa de família – a casa dos patrões – nem sempre era um local mais seguro do que as ruas.

### 3.1 COZINHEIRAS

O passado escravista trazia visões preconceituosas em torno da cozinha. Este ambiente é retratado por Hildegardes Vianna nas crônicas *Da cozinha e do seu conceito* e *O elogio da cozinha* como um ambiente escuro, sujo, mal localizado. Abaixo da cozinha somente as dependências para uso sanitário.

Desempenhar tarefas na cozinha de alguém era considerado destino triste. As moças e matronas sempre arrumavam uma parenta mais pobre para realizar esse serviço. As mulheres de saia, que também eram conhecidas como sinha, mais nunca tinha exercido o ofício de cozinheira se orgulhavam em dizer “\_Sou sinha, mas nunca fui na cozinha de ninguém!”<sup>14</sup>

Hildegardes anota as observações feitas pelo baiano Menezes de Oliveira no seu livro *Minhas recordações de garoto* onde o mesmo apresenta o pensamento de sua bisavó sob quem deve ocupar a cozinha. “Não ia sistematicamente, à cozinha. Dizia que a cozinha se fizera para negro e negra ruim; minha negra boa (...) eu não ponho no fogão”.<sup>15</sup>

A cozinha não era lugar atraente. Continha poucos mobiliários, como mesa e prateleiras, o fogão a lenha era parte integrante da casa e raramente havia assentos, as refeições das mulheres da cozinha eram realizadas em pé ou de cócoras já que dessa forma o serviço andava mais rápido; pensavam os patrões.

---

<sup>13</sup> GRAHAM, Sandra Lauderdale. *Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro, 1860-1910*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.15

<sup>14</sup> VIANNA, Hildegardes. *A Bahia já foi assim*. Salvador; BA: Itapuã, (1973)pp.28

<sup>15</sup> Idem. P.

Ao descrever o ambiente da cozinha Vianna aponta que as condições de higiene eram precárias, não havia preocupação com a limpeza do ambiente, quando se encontrava prateleiras, mesa e chão limpo eram sinal que a cozinheira era dedicada ou a dona da casa era muito exigente.

Acender o fogo era uma virtude de mãos e olhos bem treinados. Quase todas as casas possuíam fogão a lenha ou a carvão que permanecia aceso durante todo o dia. Para acender o fogo era preciso habilidade. Também era necessário saber a temperatura exata do forno e das bocas fogão para o cozimento de cada alimento, e assim ser julgada como uma boa cozinheira. Uma boa cozinheira, ainda mais, tinha de estar atenta ao calor e ao fogo, para não se queimar.

Segundo Vianna no contexto da escravidão, o cuidado com o lar, ficou a cargo das mulheres negras, enquanto as mulheres brancas tinham o dever de estabelecer a ordem e o monitoramento das tarefas. Com a abolição essa realidade não foi modificada, as mulheres continuavam desempenhando diariamente os mesmos papéis; já as jovens brancas passavam semanas de aprendizados em todos os setores domésticos, mas, não com a finalidade de desempenhar tais tarefas, e sim de conhecer as funções realizadas pelas criadas para assim saber administrar a sua própria casa.

### 3.2 CATARINAS

Na crônica *As Catarina*s Vianna demonstra que com o término da escravidão era comum a prática de pais pobres e mães abandonadas entregarem suas filhas crianças e adolescentes aos cuidados de famílias com melhores condições financeiras.

Essas Catarina)s, como eram conhecidas essas meninas, realizavam trabalhos doméstico variado e não eram pagas pelos seus serviços. Em troca, os pais faziam recomendações para que não fossem mandadas as compras sozinhas e que não chegassem à porta da rua sem necessidade preservando assim suas filhas do perigo e das impurezas que estavam do lado de fora das casas. Queriam que elas tivessem alimentação e fossem educadas e alfabetizadas, mas as lições que elas realmente aprendiam eram os serviços de “portas adentro”, considerados convenientes à sua raça, à sua condição social e econômica.<sup>16</sup>

Essas meninas deviam obediência e gratidão aos seus tutores, pois a saída da casa dos seus pais e o acolhimento de outra família era considerado uma caridade. Silva acredita “(...)

---

<sup>16</sup> VIANNA Anticamente era assim. Rio de Janeiro: Record; Salvador/BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia. 1994. p. 269-272

que a opção pelas *Catarinas*, no solo baiano, emergiu e se reforçou nos anos finais da escravidão como um recurso barato e seguro de ter sempre serviçais no interior dos lares.”<sup>17</sup>

As responsabilidades que as *Catarinas* assumiam eram as mesmas de um adulto, as funções realizadas por elas não eram adequadas à sua idade. Tinham que aprender a realizar todos os serviços domésticos deixando para traz as brincadeiras e o comportamento de criança. Essas meninas tinham um estereótipo muito parecido, negras, magras de canelas finas, cabelo cortado rente ao casco para evitar piolho, roupas velhas e grandes herdadas de outra pessoa. As patroas preferiam as meninas consideradas “boazinhas”, ou seja, aquelas que não tinham piolhos e que sabiam respeitar os mais velhos. Caso não seguissem as normas da casa podiam ser castigadas ou devolvidas ao seu destino anterior.

Além de realizarem atividades pesadas, essas meninas eram espancadas, insultadas, comiam sobras de comida e vestiam trapos que lhes davam. Um se acostumavam com a vida miserável que tinham, outras reagiam fugindo, mas eram capturadas e viviam nesse dilema até irem embora com o primeiro namorado que apareciam lhe fazendo promessas, pois viam neles a oportunidade de melhorar de vida. Ao analisar a vida dessas meninas agregadas na casa de terceiros, Maria Odila afirma que:

Filhas que fugiam de casa eram ameaçadas pelas mães de “virar pedra”; tomadas pela fantasia do imaginário popular, sonhavam com o príncipe que arrebatassem para bem longe da carência crônica. Com que sempre viveram o mito da Gata Borralheira sonhos e fantasias de *Status* recuperado, para compensar a humilhação os ofícios aviltantes de escravas a que se viram relegadas no dia-a-dia. Dependentes de mães pobres ou meninas agregadas em casa de terceiros, com frequência, fugiam encenando “raptos voluntários”, que se multiplicavam nos contos de serão: histórias de branca flor, Melusina, Maglona, Coco verde e Melancia, Cova da linda Flor, “O Sapateiro que Casou com a Princesa”.<sup>18</sup>

Ao retratar a vida das agregadas no século XIX, Maria Odila apresenta os desejos de meninas entre 7 e 25 anos que viam no casamento e nas fugas um mal necessário para escapar da vida sofrida e de trabalho árduo. Com o fim da escravidão e o nascimento da República no Brasil, essa prática de manter meninas como empregadas em troca de alimentação, vestimentas e moradias não foi rompida.

---

<sup>17</sup> SILVA, Maciel Henrique Carneiro, *Domésticas criadas entre textos e práticas sociais: Recife e Salvador*, UFBA, Salvador, 2011 p.

<sup>18</sup> DIAS, Maria Odila da Silva. *Quotidiano e poder em S. Paulo no século XIX*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. p.198

### 3.3 AMAS DE LEITE

O requerimento de amas de leite era comum no período da escravidão permanecendo na pós-abolição em todo o Brasil. Segundo Vianna na crônica *As amas de leite*, as mulheres que tinham leite suficiente e não conseguiam dar vazão fazia da amamentação um meio de ganhar a vida. Alimentavam filhos de mães frágeis e mais tarde podiam se tornavam amas seca da criança ou ama de cozinha da família. A adaptação da criança era fator fundamental para a contratação da ama de leite. Encontrar uma boa ama era tarefa difícil. Desconfianças se assolavam com as doenças que as amas podiam transmitir para as crianças. Dessa forma, essas criadas tinham que cumprir com os regulamentos e as exigências médicas e sanitárias e realizar exames para detectar doenças como a tuberculose e sífilis.

Durante o período de aleitamento recebiam um tratamento diferenciado dos outros empregados da casa, por transmitir o alimento para a criança por conta disso havia um cuidado com a alimentação, saúde e higiene.

Os médicos condenavam a prática de aleitamento realizado pelas amas de leite incentivando as mães a amamentarem seus filhos. Segundo Sanches “Os anúncios de solicitação de amas-de-leite, que chegavam a ser de 20 a 30% dos classificados, no início do século 20, foram sendo progressivamente reduzidos, chegando quase a desaparecer no final dos anos trinta.”<sup>19</sup>

Dependendo da quantidade de leite, as patroas permitiam que as amas levassem seus filhos consigo, caso contrário eles eram entregues a alguém de confiança e passavam a se alimentar com mingau de farinha, de arroz ou carimã alimentação inadequada para uma criança. Segundo Hildegardes “se reagia bem, passava a comer papa engordurada mesmo. Filho de pobre nunca teve luxo! Se ia depois de grande se fartar em mocotós e sarapatéis para que “nicas”? A criança prosperava e se desenvolvia.”<sup>20</sup>

Ao analisar a relação familiar e doméstica Gilberto Freyre, confirma que a mulher negra teve um importante papel na sociedade patriarcal brasileira. A sua função social é de servidão, foi ela que saciou a fome da criança e os desejos sexuais dos homens, Para Freyre esses são exemplos de influência negra que todo brasileiro traz no corpo ou na alma.

---

<sup>19</sup> SANCHES, Maria Aparecida P. *Fogões, pratos e panelas: poderes, práticas e relações de trabalho doméstico, Salvador, 1900-1950*. Dissertação. Salvador: UFBA, 1998. p. 88

<sup>20</sup> VIANNA Antigamente era assim. Rio de Janeiro: Record; Salvador/BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994.p. 167

(...) Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolengando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho-de-pé de uma coceira tão boba. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama-de-vento, a primeira sensação completa de homem.(...)<sup>21</sup>

Freyre reconhece que as amas de leite tiveram uma grande importância nas famílias patriarcais. Eram elas que tinham um contato mais próximo com as crianças lhes passando os primeiros aprendizados.

### 3.4 LAVADEIRAS

As lavadeiras e engomadeiras de ganho eram as trabalhadoras domésticas que tinham mais flexibilidades com seus horários. Segundo Sanches, dormir no local de trabalho era uma “prática corrente a época, poucos eram os casos de empregos domésticos em que a criada não necessitava residir no local de trabalho. (...) O tipo de trabalho prestado pelas lavadeiras - lavar, passar e engomar - não requeria a permanência no local de trabalho, muitas delas trabalhando para mais de uma família, com quem mantinham contatos semanais.”<sup>22</sup>

As lavadeiras de ganho que lavavam na casa do patrão ou na sua própria residência tinham repercussões distintas com o processo de trabalho. Segundo Vianna as lavadeiras que empregavam nas casas tinham uma melhor alimentação, não precisavam gastar dinheiro com sabão e nem procurar lenha, mas elas não podiam dispensar as roupas pesadas e difíceis de lavar. Já as que lavavam nas fontes faziam exigências particulares quanto à roupa que iriam lavar podendo rejeitar peças, em compensação tinham uma péssima alimentação.

Para Graham lavar a roupa nos chafarizes ou tanques proporcionava uma relação de camaradagem, essas mulheres traziam e compartilhavam os seus próprios afazeres. Longe das normas da casa da patroa, as domésticas sentiam-se livres podendo cuidar das suas próprias roupas e dos seus filhos que lhes acompanhavam nas tarefas.<sup>23</sup>

<sup>21</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala. Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal*, 48ªed. São Paulo: Global, 2003. P. 367

<sup>22</sup> SANCHES, Maria Aparecida P. *Fogões, pratos e panelas: poderes, práticas e relações de trabalho doméstico, Salvador, 1900-1950*. Dissertação. Salvador: UFBA.1998.p.52

<sup>23</sup> GRAHAM, Sandra Lauderdale. *Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro, 1860-1910*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. P.66

Era fácil reconhecer uma lavadeira pelas ruas pelas suas saias redondas, bata folgada e xale sobre os ombros. Levavam uma trouxa na cabeça e geralmente estavam na companhia de uma criança. Os seus dedos da mão tinham unheiros pelo constante contato com o sabão e com a água. Vianna aponta a sua falta de educação formal e a difícil ascensão social. “Se nascia lavadeira, lavadeira se tinha que morrer.”<sup>24</sup>

#### 4. TRABALHADORAS DE RUA: UM AMBIENTE PERIGOSO

O fato de a rua ser vista como um ambiente perigoso – inadequado para as famílias de bem – levou as elites a usarem os espaços privados como locais de sociabilidade de sua vida comunitária. É possível perceber essas relações das elites na crônica *Passar dias fora* onde Hildegdes Vianna apresenta as relações de amizade entre as mulheres brancas, essas se davam nas casas das amigas, ou seja, apenas em ambiente internos, jamais são apresentadas relações desenvolvidas nas ruas e praças ou outros lugares públicos. As mulheres da elite que precisassem sair à rua iam acompanhadas por uma empregada ou uma mulher mais velha e experiente ou até mesmo uma criança, ou seja, traziam para a rua uma proteção de casa, alguém que podia confiar caso algum mal lhe ocorresse. Ao referir-se ao assunto a autora relata:

Fazer novas amizades não era difícil. Fulana encontrava Sicrana em casa de uma amiga comum. Começavam a conversar, faziam indagações mútuas sobre família e posição. No final, Fulana oferecia a casa e Sicrana retribuía o convite, dias depois a mais afoita ia com uma parenta de respeito fazer uma visitinha a nova amiga. Não esqueçam de que a moça não andava corricando. Moça direita só saía acompanhada, nem que fosse por uma criança.<sup>25</sup>

A sociedade republicana se firmou em moldes machistas e racistas: o lugar social das mulheres se resumia no papel de administrar o lar cuidar dos filhos. A casa era vista como ambiente seguro, nela existia laços confiáveis de parentesco e amizade. Esse espaço entrava em contradição com a rua que era visto como um ambiente perigoso e de relações arriscados ao referir-se do período colonial, Ferreira Filho diz que:

A rua, portanto, constantemente desprestigiada por encarnar a metáfora de todos os vícios. transformou-se no lugar dos excluídos. Escravos de ganho, libertos. pobres,

<sup>24</sup> VIANNA, Hildegdes. *A Bahia já foi assim*. Salvador; BA: Itapuã, (1973)pp.158

<sup>25</sup> Idem. p. 38

mendigos, prostitutas, ladrões e vagabundo faziam do espaço da rua, quando sujeito à intervenção das autoridades. Um caso de polícia, uma vez que a preocupação básica dos poderes públicos era punir os infratores que nela se encontravam, esquecendo de submetê-los às políticas disciplinares mais sistemáticas.<sup>26</sup>

Para as trabalhadoras domesticas que eram constantemente vigiadas muitas vezes perseguidas pelas patroas a rua era vista não como um local perigoso e sim como um ambiente que poderia expressar seus sentimentos e gozar de liberdade de expressão além de está próximo das pessoas que tenham laços afetivos e familiares. Ao referir-se a tal assunto, Graham diz que “a vida das ruas propiciava a formação de um mundo social mais autêntico e íntimo entre os que se consideravam iguais”.<sup>27</sup> Para essas mulheres trabalhadoras domesticas as ruas e praças representavam um espaço mais igualitário de trocas mútuas diferente das residências onde trabalhavam e recebiam proteção.

Muitas mulheres pobres driblaram e encararam os preconceitos e desafios encontrados no ambiente urbano e fizeram das ruas o seu local de trabalho retirando deste o sustento das suas famílias. Vendedoras de mingau, cuscuz, acaçá, acarajé e abará e de outras receitas e hábitos alimentares dos escravos africanos, tinham um rotina pesada, acordavam cedo para o preparo dos seus produtos alimentícios, depois de prontos saíam pelas ruas da cidade vendendo suas iguarias. Com esse trabalho diário essas mulheres pobres e mães solteiras crivam os seus filhos, e sustentavam a família inteira, lutando assim, por uma vida mais digna. Na crônica *Da arte de fazer cuscuz* Hildegardes Vianna diz que “A mulher do cuscuz, com sua gamela ou seu tabuleiro na cabeça, vendendo de porta em porta as saborosas talhadas, (...) Assim muitas delas comeram, beberam, criaram filhos e compraram casa.”<sup>28</sup> Ao analisar as mulheres de saia de Salvador a antropóloga Ruth Landes observa que:

Alguns as consideram arrogantes. Acho que seus modos são orgulhosos, mas amáveis. As mulheres mostram isso no seu porte, eretas como árvores quando passam pelas ruas principais balançando à cabeça tabuleiros de doces, as saias engomadas ondulando ao passo decidido e largo, a face escura e calma protegida do sol.<sup>29</sup>

<sup>26</sup> FILHO, Alberto Heráclito Ferreira. *Desafricanizar as ruas: elites letradas, mulheres pobres e cultura popular em Salvador (1890 – 1937)*. Afro-Ásia nº 21, 1998. p. 239

<sup>27</sup> GRAHAM, Sandra Lauderdale. *Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro, 1860-1910*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.65

<sup>28</sup> VIANNA, Hildegardes. *A Bahia já foi assim*. Salvador; BA: Itapuã, 1973. p. 119

<sup>29</sup> LANDES, Ruth, *A Cidade das Mulheres*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2002.p.53

No Brasil colonial e imperial as negras ganhadeiras já ocupavam o espaço urbano de Salvador, seja essas mulheres escravas livres ou libertas. As cativas eram colocadas no ganho pelos seus proprietários sendo obrigada a pagar ao seu senhor uma quantia estabelecida. Se o valor adquirido nas vendas excedesse a diária paga ao patrão às escravas usavam a quantia para fins pessoais ou juntava para comprar sua liberdade. Já as negras livres e libertas vendiam nas ruas para garantir a sua sobrevivência e incomodando a autoridades que já tentava organizar a vida nos centros urbanos.<sup>30</sup>

A relação desse pequeno comércio nas ruas, com o passado escravista trazia uma visão preconceituosa e sexista acerca as vendedoras. Segundo Hildegardes as caixinheiras se diferenciavam das outras mulheres de saia, pois foram educadas nas casas de *mestras* onde aprendiam os bons costumes e as habilidades como bordar e costurar assim tornaria uma mulher útil. Para a autora era um destino triste a forma das caixinheiras ganharem a vida pois no comercio ambulante passavam a conviver com fateiras, peixeiras e ganhadeiras, mulheres consideradas má influência pelo seu palavreado inconveniente e gestos descomedidos.<sup>31</sup>

Desde a sua fundação da cidade de Salvador teve grande importância econômica no mercado internacional a sua posição geográfica favoreceu o a sua forte atuação na importação e exportação de produtos agrícolas. Com a emergência do capitalismo no centro-sul a Bahia perdeu a sua posição no mercado internacional nas ultimas décadas do século XIX. Apesar de se tornar secundária no mercado nacional, Salvador manteve a sua importância política e econômica dentro do estado tendo um tecido urbano heterogêneo, sejam esses nos setores de importação e exportação, nas casas bancárias, nas indústrias têxtil e em outros aparelhos urbanos, esses setores diversos criavam uma série de oportunidades nas ruas de Salvador. Assim, os negros que eram a maioria da população da cidade passaram a controlar os seus próprios meios de produção nas oficinas no artesanato, na construção civil, no comercio de rua e nos serviços de ganho.<sup>32</sup>

Nos governos republicanos de J. J. Seabra (1912- 1916) e o governo de Francisco Marques de Goés Calmon (1924-1928) foram usadas medidas de ordenação do espaço da rua e intervenções sanitárias foram tomadas na Bahia com finalidade de combater as epidemias e modernizando o espaço publico na tentativa de apagar as marcas do passado colonial e escravista tornando o ambiente propicio para a circulação das moças e senhoras de família e cidadãos de bem. Ao referi-se a tal assunto Jeferson Bacelar apronta que “Para os grupos

---

<sup>30</sup> SOARES, Cecília Moreira. *Mulher Negra na Bahia no Século XIX*, EDUNEB, Bahia, 2007

<sup>31</sup> VIANNA, Hildegardes. *A Bahia já foi assim*. Salvador; BA: Itapuã, 1973. p.81

<sup>32</sup> Bacelar, Jeferson. *A Hierarquia das Raças: Negros e Brancos Em Salvador*. Rio de Janeiro: Pallas, 2008. p.41-42

dominantes, por sua vez, para a constituição de uma nova nação seria fundamental extirpar o símbolo do atraso da nossa vida cultural, a lembrança trágica da nossa “herança selvagem” ou seja as praticas culturais de origem africana.”<sup>33</sup>

A circulação das mulheres de saia nas ruas de Salvador, vendendo gêneros alimentícios de porta em porta retratava "chagas do passado colonial" ainda existente na Bahia. Essas mulheres trabalhadoras não se enquadravam no novo modelo de sociedade moderna projetado por Seabra e Calmon. Assim as Posturas Municipais no ano de 1912 buscou criar medidas para afetar o comercio de alimentos nas ruas da cidade.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas crônicas publicadas no jornal *A Tarde* pela folcloricista Hildegardes Vianna durante a década de 50 a 90 do século XX fica claro que o modelo ideal de mulher é a provedora do lar que cuida dos filhos e está em segurança dentro dos seus lares. As mulheres pobres que necessitam da rua para retirar o seu ganha-pão é tratada pela a autora de uma forma racista, sexista e elitista, pois estavam em contato constante com a rua e os perigos que ela trazia.

O longo da segunda metade da década de cinqüenta até a década de noventa do século XX as crônicas publicadas no jornal *A Tarde*, demonstram o apego que a elite tinha do tempo passado, saudades de uma Bahia tradicional. No final de cada crônica a autora demonstra que o tempo passou deixando para trás costumes e hábitos que eram de valores maiores que o da sociedade atual. Ao trazer nas suas crônicas termos como “No tempo de”, “Antigamente”, “outros tempos”, e outras palavras que se remete ao passado há uma preocupação de perda de status por parte da elite.

A autora não reconhece nos sujeitos sociais do seu tempo os sujeitos tratados nas suas crônicas e quando faz algum tipo de relação há uma exaltação dos sujeitos do passado e desvalorização dos trabalhadores do seu tempo. Dando a impressão que só na Bahia de antanho houve lavadeiras, ganhadeiras e domesticas.

O trabalho braçal é retratado como coisa de escravo e não como um meio digno de sobrevivência. Os serviços subalternos ocupados pelos negros são rodeados de preconceitos. Esses sujeitos e os lugares por eles freqüentados representavam o sujo o feio e o perigoso, uma ameaça para as famílias de bem.

Retornar junto com Hildegardes Vianna ao passado exaltado por ela e pela sociedade elitista que ela pertencia e analisar as suas crônicas publicadas em um jornal de circulação de

---

<sup>33</sup> Idem p. 19

massa dá a falsa idéia de democracia social e racial que circulou no Brasil com o fim da escravidão e o advento da República pois os negros continuaram e continuam até os nossos dias ocupando os piores postos de trabalho sendo discriminados por conta da sua cor ou por sua posição social.

## 6. BIBLIOGRAFIA

- Bacelar, Jeferson. *A Hierarquia das Raças: Negros e Brancos Em Salvador*. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.
- DIAS, Maria Odila da Silva. *Quotidiano e poder em S. Paulo no século XIX*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- FILHO, Alberto Heráclito Ferreira. *Desafricanizar as ruas: elites letradas, mulheres pobres e cultura popular em Salvador (1890 – 1937)*. Afro-Ásia nº 21, 1998.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala. Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal*, 48ªed. São Paulo: Global, 2003.
- GRAHAM, Sandra Lauderdale. *Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro, 1860-1910*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- LANDES, Ruth, *A Cidade das Mulheres*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2002.
- LODY, Raul. *Cabelos de axé: identidade e resistência*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. SENAC Nacional 2004.
- SANCHES, Maria Aparecida P. *Fogões, pratos e panelas: poderes, práticas e relações de trabalho doméstico, Salvador, 1900-1950*. Dissertação. Salvador: UFBA. 1998.
- SILVA, Maciel Henrique Carneiro, *Domésticas criadas entre textos e práticas sociais: Recife e Salvador*, UFBA, Salvador, 2011.
- SOARES, Cecília Moreira. *Mulher Negra na Bahia no Século XIX*, EDUNEB, Bahia, 2007.

## 7. FONTES

- VIANNA Antigamente era assim. Rio de Janeiro: Record; Salvador/BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia. 1994.
- VIANNA, Hildegardes. *A Bahia já foi assim*. Salvador; BA: Itapuã, 1973.